

Preanças negras

Em cada verso um coração pulsando,
sões flamejando em cada verso, e a rima
cheia de passaros azues cantando,
desenvolvida como um céu, por cima.

Trômpas sonoras de tritões marinhos
das ondas glaucas na amplidão sopradas
e a ~~sonorosa~~ ^{rumorosa} ~~musica~~ ^{musica} dos riachos
nos damascos reaes das alvoradas.

Fúlvos leões do altivo perisamento
galgando da era a soberana rocha,
no espaço o outro leão do sol sangrento,
que como um cardo em fogo desabrocha.

A canção de crystal dos grandes rios
sonorisando as florestas profundas,
a terra com seus canticos sombrios,
o firmamento ~~gerador~~ ^{gestador} de mundos.

Judo, como panoplia sempre cheia
das espadas dos aços brutitantes,
eu quizeria trazer preso a cadeia
de serenias estrophes triumphantes.

Preso a cadeia das estrophes que amam,
que choram lagrimas de amor por tudo,
que, como estrellas, vagas se derramam
em um sentimento doloroso e mudo.

Preso à cadeia das estrofes quentes
como uma forja em labareda accesa,
para cantar as épicas, fremeantes
tragedias colossaes da Natureza.

Para cantar a angustia das creanças!
Não das creanças de cor de ouro e rosa,
mas dessas que o vergel das esperanças
viram seccar, na idade luminosa.

Das creanças que vem da negra noite,
d'um leite de venenos e de treva,
d'entre os dantescos circulos do acoite,
filhas malditas da desgraça de Eva.

E que ouvem pelos séculos a hora
o carrilhão da morte que regêla,
a vozia das aves vindo à aurora
e a bocca aberta em uivos da procella.

Das creanças vergonteadas dos escravos,
desamparadas, sobre o chão, à toa
e a cujo pranto, de mil peitos bravos,
a harpa das emoções palpita e soa.

O bronze, feito carne e nervos, dentro
do peito, como em pausas soberanas,
o coração! é o supremo centro
das avalanches das paixões humanas.

Como um clarim a gargalhada vibra,
vibra também eternamente o pranto

e d'entre o riso e o pranto te equilibras
de forma tal, que a tudo dás encanto.

És tu que a piedade vens descendo
como quem desce do alto das estrellas
e a purpura do amor vae estendendo
sobre as creanças, para protegê-las.

És tu que cresces como o oceano, e cresces
até encher a curva dos espaços
e ~~que~~ lá, coração, lá resplandesces
e todo te abres em maternos braços.

Te abres em largos braços protectores,
em braços de espinho que as amparam,
a ellas, creanças, tendrosas flores,
tórvidas urzes que petrificaram.

As pequeninas, tristes creaturas
eilhas, caminham por desertos vagos,
sob o aquilhão de todas as torturas,
na sede atroar de todos os affagos.

Vae coração! na immensa cordilheira,
da Dôr, florindo como um loiro fructo,
partindo toda a horrivel gargalheira
da chorosa phalange cõs do luto.

As creanças negras, vermes da materia,
colhidas do supplicio a estranha rede,
arranca-as do presidio da miseria
e com teu sangue mata-lhes a sede!
Lrury e Sousa